



## Na fundação da Literatura Brasileira: *O Uruguai*, de José Basílio da Gama

Vania Pinheiro Chaves  
Lisboa

País de formação colonial, o Brasil herdou da sua ex-metrópole não só a língua, mas também grande parte de suas formas culturais. Tal herança não pode ser esquecida na análise da literatura que é, dentre as produções culturais brasileiras, a mais presa às matrizes europeias, assimiladas primeiramente através de Portugal. Por conseguinte, são de resposta controversa perguntas tais como: quando se constituiu a literatura brasileira? quais os seus primeiros autores? em que aspectos suas obras diferem das que são produzidas por escritores portugueses?

É inócuo, senão mesmo impossível, apontar o marco inicial da literatura brasileira. No entanto, se considerarmos a existência de uma firme ligação entre o desenvolvimento da nação e a construção da sua literatura, cumpre reconhecer que as criações literárias da Colônia brasileira se foram distinguindo das de sua Metrópole, devido quer à inserção dos escritores locais em condições geográficas, políticas, sociais, econômicas e culturais diversas, quer à emergência de outros destinatários, quer ainda à configuração duma visão de mundo e dum sentir peculiares. Assim sendo, é de considerar que há nos escritores do Brasil Colônia uma marca específica e/ou um afeto particular – um sentimento nativista – pelo torrão natal ou adotivo, o que legitima a integração no cânone da Literatura Brasileira de obras historicamente pertencentes ao Período Colonial.

Este é o caso de *O Uruguai*,<sup>1</sup> de José Basílio da Gama, poeta nascido em 1741, na Capitania de Minas Gerais, e falecido em Lisboa, em 1795. De origem fidalga e família com ligações antigas ao Continente Americano, o es-

---

<sup>1</sup> As citações do poema foram extraídas da edição *princeps*, com a ortografia atualizada de acordo com o estabelecido no Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990).

critor mineiro revela em sua obra forte ligação ao pátrio berço e o desejo de o ilustrar, demonstrando que era tão capaz de criação poética quanto os seus pares europeus. Como se pode ler nos versos finais do canto IV da épicã basiliãna, o poeta convoca o «Gênio da inculta América» e promete torná-lo conhecido através do seu poema:

Gênio da inculta América, que inspiras  
A meu peito o furor, que me transporta,  
Tu me levanta nas seguras asas.  
Serás em paga ouvido no meu canto.

(*O Uruguai*, IV, 284-287)

Da biografia de José Basílio da Gama importa lembrar alguns aspectos que ajudam a compreender os traços essenciais da obra que escreveu. O poeta estudou no Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro, mas se desligou da Companhia de Jesus, já noviço, quando ela foi expulsa dos domínios portugueses. Na década de 1760, circulou entre o Brasil e a Europa: na Itália, em 1763, ingressou na Arcádia Romana; em Portugal, entre 1764 e 1765, participou na *Guerra dos Poetas*; em Vila Rica, em 1768, fundou, com seus pares, uma arcádia vinculada diretamente à de Roma. De regresso a Portugal, foi preso por suspeita de jesuitismo. Suspeita sem dúvida infundada, pois, já em 1765, ele havia aplaudido o banimento da Companhia de Jesus numa ode dedicada a D. José. Livrou-o, provavelmente, do degredo para a África um epitalâmio dedicado à filha do Marquês de Pombal, em que reitera sua aversão à Companhia de Jesus.

Com aquele poderoso ministro, Basílio da Gama terá estreitado relações, sobretudo após 1774, quando ingressa na Secretaria dos Negócios do Reino. Mas a queda de Pombal não lhe terá afetado a existência, pois não foi destituído do seu cargo, tendo recebido inclusive algumas mercês de D. Maria I.

Sócio correspondente da Academia Real das Ciências, José Basílio da Gama escreveu ao longo da vida numerosa e variada produção poética, voltada sobretudo para assuntos atuais e de interesse coletivo. Nesse conjunto, formado por meia centena de textos líricos, épicos, encomiásticos e satíricos, sobreleva-se *O Uruguai*, publicado em Lisboa, em 1769, que, além de ser o poema épico mais inovador do Setecentos luso-brasileiro, manifesta traços brasílicos a que deve o seu lugar de relevo na fundação da Literatura Brasileira.

Optando por uma via mais pessoal e moderna, Basílio abandona o modelo da epopeia camoniana, quase obrigatório na Literatura Portuguesa, ao

construir *O Uruguai* com cinco cantos em decassílabos brancos, sem divisão estrófica. Sem antecedentes na língua portuguesa, os cinco cantos basilianos não infringem qualquer norma poética da épica, sobre tais matérias omissa, contraditória e, de fato, pouco impositiva. O verso branco – não constituindo uma novidade absoluta, por retomar procedimento da épica greco-latina, embora abandonado pela maioria dos autores da Europa moderna – liga o estro basiliano às correntes estéticas da época: o Neoclassicismo e o Arcadismo, que almejavam simplicidade formal e maior liberdade de movimentos na criação poética.

Incluindo componentes típicos da epopeia clássica – proposição, invocação, dedicatória, início da narração *in medias res*, retrospecto, prospecção, epílogo – *O Uruguai* foge ao modelo habitual por abrir com o trágico quadro duma batalha recém-acabada:

Fumam ainda nas desertas praias  
Lagos de sangue tépidos, e impuros,  
Em que ondeam cadáveres despídos,  
Pasto de corvos. Dura inda nos vales  
O rouco som da irada artilheria.

(*O Uruguai*, I, 1-5)

Também invulgar é a transformação da dedicatória em oferenda dum escrito futuro:

E Vós, por quem o Maranhão pendura  
Rotas cadeias, e grilhões pesados,  
Herói, e Irmão de Heróis, saudosa, e triste,  
Se ao longe a vossa América vos lembra,  
Protegei os meus versos. Possa entanto  
Acostumar ao voo as novas asas,  
Em que um dia vos leve.

(*O Uruguai*, I, 10-16)

Mais de acordo com as práticas da epopeia, o poema começa com a ação em fase avançada, isto é, na segunda campanha de demarcação das fronteiras meridionais do Brasil, definidas no tratado assinado pelos reis de Espanha e Portugal, em 1750. Retoma a seguir, em *flash-back*, a primeira fase da campanha, na qual o exército português, tendo de enfrentar a hostilidade dos ameríndios, a força imbatível da natureza americana e a desistência dos aliados espanhóis, opta pela retirada. Estes acontecimentos são rememorados por Andrade, o chefe militar lusitano, a quem o narrador externo e omnisciente – como é próprio desse subgênero – entrega o relato.

Também em conformidade com a tradição, o poeta glorifica a ação vitoriosa do seu herói – o General português Gomes Freire de Andrade – que, no poema, alarga as fronteiras do Brasil ao apossar-se dos Sete Povos Missionários da margem esquerda do rio Uruguai, depois de vencer a resistência dos ameríndios liderados pelos seus padres. Na história central, engastam-se outros acontecimentos, tais como o assassinato de Cacambo pelo Padre Balda, a festa de casamento de Lindoia e o seu suicídio.

E, como é de praxe na epopeia de matriz greco-latina, a matéria épica do poema expande-se no espaço e no tempo por meio de dois episódios: as visões propiciadas a Lindoia por Tanajura e as pinturas de uma igreja jesuítica das Missões. No primeiro, descreve-se o terremoto, a reconstrução de Lisboa e a expulsão dos jesuítas de Portugal; no segundo, as ações maléficas da Companhia de Jesus, em diversas partes do globo.

Diferentemente do que ocorre em *Os Lusíadas*, o acréscimo de acontecimentos passados e futuros no poema basiliano não está desvinculado da narrativa nuclear, pois visa destacar os grupos em confronto, cujos papéis se distribuem de forma também inusitada na tradição épica. Herói declarado do poema, o General Andrade lidera a força militar vitoriosa que executa as ordens dos Reis ibéricos. O inimigo verdadeiro é a Companhia de Jesus, cujos missionários buscavam criar na América o seu próprio império. Encarnações do vilão, os jesuítas, e em especial o Padre Balda, são representados com cores muito negras. Vítimas da sua tirania, bem como das decisões das Cortes ibéricas, os ameríndios lutam e morrem para defender o território que, desde sempre, lhes pertencia, como afirma Sepé no debate travado com Andrade:

todos sabem  
Que estas terras, que pisas, o Céu livres  
Deu aos nossos Avôs; nós também livres  
As recebemos dos antepassados.  
Livres as hão de herdar os nossos filhos.  
Desconhecemos, detestamos jugo,  
Que não seja o do Céu, por mão dos Padres.

(O *Uruguai*, II, 177-183)

A presença desses três grupos de personagens complexifica a estrutura de *O Uruguai* e a distingue da forma padrão da epopeia, em que o herói e seu círculo defrontam um conjunto homogêneo de adversários, cujas ações e qualificações não contrastam de todo com as suas. Em *O Uruguai*, o adver-

sário com traços positivos é o Ameríndio. Heróis derrotados na luta contra o poderoso exército ibérico, os nativos são, contudo, instrumentos dos reais antagonistas: os padres que os conduzem e oprimem. Como vítimas, eles têm em Andrade um defensor, pois a sua ação visa também libertá-los. Opositores que não participam diretamente na luta, os Padres estão destituídos de qualquer traço heroico, revelando apenas facetas baixas e negativas, o que dá à sua representação um cariz satírico e não épico.

Por ter recriado episódio relevante da História de Portugal, *O Uruguai* enquadra-se na tendência dominante na Literatura Portuguesa, mas se afasta das criações mais prestigiadas do Classicismo europeu pela escolha de assunto coevo. O seu principal mérito assenta, contudo, no fato de ser a primeira epopeia de língua portuguesa a narrar acontecimentos passados no Brasil,<sup>2</sup> mais precisamente, na América do Sul, posto que o território brasileiro ainda não estava perfeitamente delimitado.

Tendo reelaborado matéria histórica decorrente da execução do Tratado de Madri no sul do continente americano, Basílio da Gama limitou o seu relato ao período de vigência daquele acordo, alterou e criou acontecimentos e personagens. Tais supressões, deformações e invenções não parecem, contudo, resultar da ignorância dos incidentes do conflito e sim de exigências da criação épica, a par com a busca de efeitos particulares. Sujeitando o poema às normas da epopeia clássica, Basílio reduziu a temporalidade da narrativa, selecionou os fatos narrados, modificou a sua sucessão, inventou peripécias, limitou o elenco de protagonistas e prendeu o desenrolar da trama à ação dum herói principal.

Assim, além de enformar a ação nos modelos estruturais e nos tópicos da poesia épica, fez de Gomes Freire de Andrade protagonista, quando na realidade ele atuou como auxiliar do General espanhol José de Andonaegui, comandante supremo da campanha de evacuação das Missões. A mesma intenção de valorizar o general português levou o poeta a omitir a trégua que ele foi forçado a estabelecer com os índios. O intuito de caracterizar positivamente os ameríndios justificará, por sua vez, a ausência em *O Uruguai* de qualquer referência à prática comum entre eles da degola dos europeus. Ao contrário, a intenção de denegrir a Companhia de Jesus explicará a cena em que os padres Balda e Tedeo tentam fugir do povoado onde estavam re-

---

<sup>2</sup> Anterior a *O Uruguai* e também de assunto brasileiro, a *Prosopopeia*, de Bento Teixeira, não se enquadra contudo na categoria da epopeia clássica, por não possuir os traços essenciais do gênero e ser constituída por um único canto.

fugiados, com os seus catecúmenos ameríndios, quando ali chega o exército luso-espanhol. Tal ação indigna não é mencionada em nenhum documento conhecido, o que permite considerá-la uma invenção basiliiana.

As qualidades de *O Uruguai* aqui assinaladas não lhe asseguraram uma fortuna crítica sempre favorável, caracterizando-se, ao contrário, a sua recepção por profundas assimetrias.<sup>3</sup> Almeida Garrett o via como «o moderno poema que mais mérito tem» e «a melhor coroa [da poesia brasileira], que nele é verdadeiramente nacional e legítima americana» (Garret, 1826: XLVII). Deslocando o centro de gravidade da recepção de *O Uruguai* do campo do entusiasmo nacionalista para o do julgamento crítico propriamente dito, Machado de Assis, cujas opiniões, respeitadíssimas na época, influenciaram o pensamento literário brasileiro posterior, admira o americanismo temático e paisagístico do poema, graças ao qual Basílio da Gama teria escapado à escravidão dos modelos europeus e ao mau gosto árcade.<sup>4</sup> Juízo contrário expressa Afrânio Peixoto para quem «o mérito principal do ‘Uruguai’ foi pragmático, anti-jesuítico, ‘pombalino’» (Peixoto, 1941: XXXII). Sendo, por outro lado, «mal composto o poema», «o enredo não tem nexos, nem senso comum» (Peixoto, 1941: XXVIII). Como se pode perceber, antijesuitismo, pombalismo e brasilidade/americanidade são pilares fundamentais da boa e má fortuna crítica de *O Uruguai*.

A introdução pioneira, num poema de língua portuguesa, de personagens ameríndias enquadradas na natureza americana é um dos aspectos mais valorizados da épica de Basílio da Gama e aquele em que se tem sustentado a ideia da sua brasilidade. Excelentes criações do estro basiliano pela sua vivacidade e colorido, tais personagens, que se desprendem em boa parte da fórmula desgastada dos heróis da epopeia greco-latina, estão na origem do Indianismo romântico brasileiro. No discurso com que Cacambo tenta demover Andrade do intuito de apossar-se do território das Missões transpore não só grandeza épica, mas também um sentimento independentista e americanista que será fulcral no Romantismo brasileiro.

Americanidade e apropriação renovadora de tópicos célebres da literatura europeia e portuguesa se encontram também na cena em que Lindoia, viúva

<sup>3</sup> Cf. análise pormenorizada da recepção de *O Uruguai* nos séculos XVIII, XIX e XX em Chaves, 1997.

<sup>4</sup> Três são os textos de Machado de Assis que podem ser lembrados aqui: «O passado, o presente e o futuro da literatura» (1858), «José de Alencar: *Tracema*» (1866) e «Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade» (1873).

de Cacambo, recorre à mesma forma de suicídio de Cleópatra e se identifica com Inês de Castro, uma vez que

Inda conserva o pálido semblante  
Um não sei quê de magoado, e triste,  
Que os corações mais duros entenece.  
Tanto era bela no seu rosto a morte!

(*O Uruguai*, IV, 194-197)

Em contrapartida, *O Uruguai* é desvalorizado por críticos que o consideram um escrito de circunstância, mero panfleto antijesuítico e pombalino. No entanto, o poema está claramente inserido na linha de pensamento do conjunto da obra basiliiana, em que são frequentes os ataques à Companhia de Jesus e os elogios ao Marquês de Pombal. Além disso, expressa um ponto de vista assente nas vivências do escritor mineiro que conhecia bem a ação e ideologia dos inacianos, além de ter tido contacto com as duas facções envolvidas no conflito que poetizou.

Aluno do Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro, Basílio terá tido conhecimento quer dos festejos com que os seus mestres celebraram a partida de Gomes Freire de Andrade para a campanha que iria realizar no sul do território americano, quer das críticas posteriores que eles terão feito à ação militar luso-espanhola contra os Sete Povos das Missões. Por outro lado, o jovem estudante frequentava nessa época a casa de um dos oficiais que acompanhou o general português na demarcação das novas fronteiras meridionais do Brasil, tendo certamente ouvido comentários elogiosos a esse respeito. Mais tarde, durante a sua estada na Itália, pôde acompanhar a polémica jesuítica e constatar que a sublevação ocorrida nas Missões do Uruguai era objeto de discussões acaloradas e aí terá provavelmente escolhido o seu partido.

O seu ataque à Companhia de Jesus terá também por base a presença dessa Ordem no Brasil, onde ela ocupava posição de grande relevo e desfrutava de enorme riqueza, mas onde também, muito cedo, entrou em choque com os colonos, devido aos seus privilégios econômicos e aos seus esforços para impedir a escravização dos índios. Assim sendo, ganha significado a oferta de *O Uruguai* a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que se destacou no combate aos jesuítas, quando ocupava o posto de Capitão General do Grão Pará e do Maranhão, tendo enviado às autoridades de Lisboa relatórios onde denunciava os graves prejuízos causados pela Companhia de Jesus ao Reino e aos colonos. O poeta, além de saudar Mendonça Furtado por libertar

o Maranhão da tirania jesuítica e de agraciá-lo com o epíteto de herói, mostra concordância com os seus relatórios ao atribuir às personagens jesuíticas do poema os mesmos defeitos que tais documentos imputam à Companhia de Jesus, isto é, a criação de verdadeiras repúblicas isoladas, o monopólio das riquezas locais, a atuação despótica e os maus tratos infligidos aos nativos.

Cabe portanto pensar que Basílio da Gama expressa em *O Uruguai* o pensamento preponderante entre os habitantes do território brasileiro, que veriam na expulsão dos inacianos vantagens de natureza econômica, pois como apontou Dauril Alden, não deixa de ser significativo o fato de a notícia do seu banimento não ter provocado no Brasil movimentos de protesto como os que ocorreram, por exemplo, na Nova Espanha (1970).

Motivação particular terá também o louvor ao Marquês de Pombal, cuja política para o Brasil não deixaria certamente de agradar a um poeta cuja biobibliografia evidencia o vínculo afetivo que o prende à terra natal. Como muitos dos seus conterrâneos, Basílio da Gama estaria certamente habituado à ausência de liberdade e não se sentiria massacrado pelo despotismo do Ministro de D. José. Valorizaria, ao contrário, o bom acolhimento que, sob a forma de proteção ou emprego, ele dava aos naturais da Colônia brasileira, bem como a especial atenção que, desde a primeira hora, dedicou ao seu desenvolvimento, contando-se entre as suas medidas mais relevantes: a defesa do território e a preservação das áreas ocupadas; a promoção da sua unidade; o esforço para tornar mais eficiente a administração local; a moralização do sistema de cobrança dos quintos do ouro; a desburocratização dos trâmites alfandegários; a proibição do transporte de escravos para fora do Império português, o que aumentou o seu afluxo para o Brasil e incrementou a economia da região; a criação das Companhias de Comércio do Grão-Pará e de Pernambuco; o fomento da emigração; a proclamação da independência dos índios; a unificação linguística obtida com a proibição da língua geral; e a secularização do ensino.

Prova de que o pombalismo do nosso poeta está relacionado com a política do todo-poderoso Marquês para o Brasil é o fato de o herói de *O Uruguai* ser o General Gomes Freire de Andrade, figura cimeira da administração pombalina no território brasileiro. O próprio General exalta aquele governante quando, dialogando com os embaixadores índios no canto II, explica que a luta contra as Missões beneficiará os nativos, pois liberta-los-á do jugo jesuítico e integra-los-á num Estado civilizado, em que não há miséria nem escravidão e cujo rei zela paternalmente por todos os seus súditos.



Espelhando as qualidades do Ministro a quem obedece, Andrade se caracteriza pela dedicação total aos interesses do Estado, pela ação imediata, eficaz e perseverante, pela magnanimidade para com subordinados ou adversários, pela rejeição da violência, só admitida quando esgotados todos os meios cordiais e mesmo assim apenas para defender direitos legítimos usurpados. Herói pombalino, ele encarna simultaneamente valores fundamentais do ideário iluminista de Basílio da Gama, tais como o racionalismo, o humanismo, a moral laica, a preocupação social, a filantropia, a beneficência, a crença no progresso, o otimismo jurídico, o repúdio à guerra.

O sentimento pátrio e a mensagem que se transfundem de *O Uruguai* sobrepõem-se, porém, às marcas de antijesuitismo e pombalismo, visto que, ao celebrar a tentativa de execução do Tratado de Madri, o poeta contraria as orientações da política do Marquês de Pombal, ao mesmo tempo que apoia a ação que vinha sendo empreendida pelos colonos brasileiros ao avançarem pelo sertão e criarem focos de povoamento em pontos extremos do litoral.

Concebido e negociado pelo paulista Alexandre de Gusmão, em nome do rei D. João V, o Tratado de 1750 encontrou fortes opositores tanto em Portugal como na Espanha, entre os quais se destaca Sebastião José de Carvalho e Melo, que não admitia a entrega da Colônia de Sacramento à Espanha. A troca desta Colônia pelos Sete Povos Jesuíticos do Uruguai favorecia sobretudo o Brasil, que podia legalmente expandir-se para um rico território contíguo, habitado por grande número de índios que, já aculturados pelos jesuítas, nele poderiam permanecer. A região possuía muito gado, erva-mate, grande variedade de madeiras, minas de cobre e de ferro, pedra para construção e servia para o cultivo do trigo, do milho, do arroz, da cana, do tabaco, da laranja. Seus rios constituíam a melhor via de comunicação com as províncias de Mato Grosso e Goiás, e sua localização lhe permitia abastecer de gado e de produtos agrícolas a zona das Minas Gerais, que, ligada comercialmente também ao nordeste do Brasil, se transformara num polo unificador do vastíssimo território ocupado pelos brasileiros.

Ao tornar-se Primeiro-Ministro de D. José, Pombal foi forçado a executar o convênio, mas procurou de imediato combatê-lo. Ordenou ao embaixador português em Madri que apoiasse o Marquês de la Ensenada e o padre Ravago, jesuíta confessor do rei, no ataque ao negociador espanhol do Convênio, revelando em carta posterior, a clara intenção de «fazer um novo Tratado em que se estipule [que] as Aldeias fiquem pertencendo ao domínio de El-Rei Católico e a Colônia ao domínio de El-Rei Fidelíssimo» (Cortesão, 1950-1952:

t. 2, 407-408). Manifestou a mesma intenção de guardar a posse da Colônia do Sacramento nas *Cartas secretíssimas* a Gomes Freire de Andrade, a quem encarregou de chefiar a demarcação das fronteiras meridionais do Brasil.

O seu desejo começou a concretizar-se com a revolta dos índios e missionários do Uruguai, que abriu caminho para um novo acordo. Firmado em 1761, o Tratado de El Pardo anulou o de Madri e, conseqüentemente, a permuta da Colônia do Sacramento pelos Sete Povos das Missões. Com isto, agravaram-se os conflitos na região e Portugal foi obrigado a desistir da Colônia do Sacramento, por impossibilidade absoluta de manter a luta pela sua posse. O contrário sucedeu ao projeto de Gusmão, pois os brasileiros continuaram, por mais de um século, a lutar pela anexação do território missioneiro do Uruguai, que lhes foi finalmente atribuído em 1898, pelo Tratado do Rio de Janeiro.

Quando Basílio da Gama publicou *O Uruguai* o feito que celebrara já não era uma realidade. Preservando-o a nível do imaginário, o poeta assume o anseio típico dos bandeirantes e prenuncia a ação dos que lutaram durante muito tempo para levar as fronteiras do Brasil até aquela região. Habilidade e sutilmente, o poeta mineiro consegue engrandecer pela recriação épica o tratado rejeitado por Portugal, sem que seu descaso pelas decisões régias seja objeto de reprovação ou castigo. Ao contrário, ele terá mesmo gozado do beneplácito governamental, pois *O Uruguai* foi publicado pela Régia Oficina Tipográfica. E isto ocorreu provavelmente porque sua mensagem «brasileira» se mistura com a apologia do Marquês de Pombal e com o ataque à Companhia de Jesus.

Ao criticar a ação dos jesuítas, Basílio engrossava a campanha que o Ministro de D. José estava movendo para extinguir por completo a Ordem fundada por Inácio de Loyola. Satisfazia-lhe, por outro lado, a vaidade, ao elogiá-lo pessoalmente, bem como a dois de seus mais diletos assessores: Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que o ajudou a dismantelar o poderio jesuítico no território maranhense, e Gomes Freire de Andrade, cuja fidelidade às suas diretivas levou alguns estudiosos a considerá-lo o seu braço direito na Colônia brasileira.

Escapando das malhas da Real Mesa Censória, Basílio da Gama constrói uma narrativa que, ficcionalizando a integração dos Sete Povos Missioneiros do Uruguai e de seus habitantes nativos no território brasileiro, expressa poeticamente a visão de mundo das gentes da futura nação brasileira. A mesma ótica enforma também outros dois elementos de *O Uruguai* tidos

como provas da sua brasilidade: o ameríndio e a natureza americana, cuja representação dá continuidade a manifestações anteriores de um ufanismo valorizador da terra e do homem americanos.

Basílio da Gama constrói uma imagem idealizada do índio ao atribuir-lhe psicologia, valores e costumes semelhantes aos do homem branco, mas oculta os seus traços físicos para não ter de o diferenciar. Há, no entanto, na obra elementos que contradizem a ideia da integração harmoniosa do nativo na sociedade colonial e deixam transparecer a sua sujeição pela violência e a sua situação de dominado. O lado trágico da destruição do universo americano é sugerido através da morte das principais personagens índias do poema (Cepé, Cacambo e Lindoia). A rejeição da colonização portuguesa é posta em relevo no discurso em que Cacambo contesta o direito dos europeus à terra americana, ao mesmo tempo que defende a legitimidade da sua posse pelos seus primeiros habitantes:

Se o Rei de Espanha  
Ao teu Rei quer dar terras com mão larga  
Que lhe dê Buenos Aires, e Correntes,  
E outras, que tem por estes vastos climas;  
Porém não pode dar-lhe os nossos povos.  
[...]  
Volta, Senhor, não passes adiante.  
Que mais queres de nós? Não nos obrigues  
A resistir-te em campo aberto. Pode  
Custar-te muito sangue o dar um passo.  
Não queiras ver se cortam nossas frechas.  
Vê que o nome dos Reis não nos assusta.  
O teu está mui longe;

(*O Uruguai*, II, 66-69 e 103-109)

A derrota dos ameríndios mostra que a fala do cacique, sendo contrária ao pensamento do colonizador, só pôde integrar-se em *O Uruguai* na condição de dominada, isto é, de expressão do vencido.

Implícita no próprio título da épica basiliiana, a valorização do espaço americano manifesta-se no poema, através da transfiguração engrandecedora dos elementos que compõem o espaço da região: os rios e os campos. Assim, uma enchente ultrapassa a condição de fenómeno natural típico dos rios americanos, transformando-se num agente quase sobrenatural, cuja força é mais poderosa que a do exército de Andrade, por ela obrigado à paralisação e à retirada. Igualmente agigantados na sua imensidão selvagem e quase indevassável, os campos são, por outro lado, enaltecidos como espaço traba-

lhado pelo nativo, que neles tem sua agricultura, sua pecuária, sua indústria e seus povoados. A recriação poética do processo «civilizador» em curso, que aí ocorre, realiza em *O Uruguai* a passagem de um nativismo que cultuava a natureza bruta, característico de obras anteriores, para um «nacionalismo» que celebra a conquista da terra, entendida como espaço de desenvolvimento da Nação.

Esta mudança no campo literário é homóloga à que se ia verificando no plano social, em que os «brasileiros» passaram do afeto pela terra natal ao anseio de a ver colocada em posição equivalente à da Metrópole e, por fim, ao desejo de a tornarem independente. Na altura da composição da épica basiliense, eles ainda não haviam concretizado a intenção de romper com Portugal donde, em consonância com o momento histórico, *O Uruguai* não a pode exprimir, dando, contudo, voz aos propósitos de expansão territorial e de crescimento populacional de seus contemporâneos.

É preciso acrescentar que Basílio da Gama tinha consciência da brasilidade de *O Uruguai* e que o demonstra em duas passagens da maior importância na arquitetura do texto. No epílogo do poema, a sua natureza brasílica é sugerida na cena de admissão da obra na Arcádia Romana, onde entra transportando «bárbaras flores», oriundas de «estranho céu». Em linguagem figurada, tais flores encarnam as características brasileiras que o poeta atribui à sua criação. Essa afirmação da brasilidade está ainda mais explícita na já referida passagem do canto IV em que o poeta se dirige ao «Gênio da inculta América», declarando-se inspirado por ele e prometendo torná-lo conhecido através do seu canto.

Sendo, porém, a Literatura Brasileira oriunda das literaturas europeias, *O Uruguai* não poderia diferenciar-se por completo das criações literárias da sua matriz e, como se viu, valeu-se de formas da épica greco-latina transmitidas às literaturas da Europa moderna para expressar conteúdos brasílicos. No entanto, ao encerrar a sua epopeia com os proféticos versos –

Serás lido Uruguai. Cubra os meus olhos  
Embora um dia a escura noite eterna,  
Tu vive, e goza a luz serena, e pura (O *Uruguai*, V, 140-142)

– José Basílio da Gama terá pressentido que *O Uruguai* ocuparia lugar de honra na História da Literatura Brasileira e seria consagrado como obra fundadora pelos historiadores e críticos que, no século XIX, deram início à construção e ao cânone da Literatura Brasileira.

## Referências

- Alden, Dauril. «Aspectos econômicos da expulsão dos jesuítas do Brasil». Em: AA. VV. *Conflito e continuidade na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970, 31-84.
- Assis, Machado de. «O passado, o presente e o futuro da literatura». Em: Machado de Assis. *Obras Completas*, vol. III. Rio de Janeiro: Aguilar, 1962a, 785-789.
- Assis, Machado de. «José de Alencar: Iracema». Em: Machado de Assis. *Obras Completas*, vol. III. Rio de Janeiro: Aguilar, 1962b, 848-852.
- Assis, Machado de. «Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade». Em: Machado de Assis. *Obras Completas*, vol. III. Rio de Janeiro: Aguilar, 1962c, 801-809.
- Chaves, Vania Pinheiro. *O Uruguai e a fundação da literatura brasileira*. Campinas: UNICAMP, 1997.
- Cortesão, Jaime. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri*, 4 vols. Rio de Janeiro: Instituto Rio-Branco / Ministério das Relações Exteriores, 1950-1952.
- Gama, José Basílio da. *O Uruguai*. Edição comemorativa do 2.º centenário. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1941.
- Gama, José Basílio da. *Obras poéticas*. Ed. de Ivan Teixeira. São Paulo: EdUSP, 1996.
- Garrett, Almeida. «Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa». Em: *Parnaso Lusitano ou Poesias Selectas dos Auctores Portuguezes Antigos e Modernos [...]*, vol. I. Paris: Aillaud, 1826, VIII-LXVII.
- Peixoto, Afrânio. «Nota Preliminar». Em: José Basílio da Gama. *O Uruguai*. Edição comemorativa do 2.º centenário. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1941, VII-XXXVII.